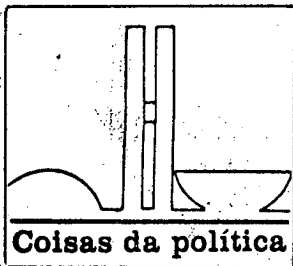


A última lição

NUNCA, a caminho do poder, um homem público no Brasil deu ao seu povo uma lição tão definitiva de política, como a que Tancredo Neves nos lega, a caminho do túmulo. Tancredo, que, em vida, sempre teve gestos de um político hábil, na morte, nos



prova que ficará insuperável. Vivo, ele não conseguiria manter o País tão coesamente unido em torno do seu projeto político. Deitado no leito de um hospital, ele conseguiu a unanimidade não alcançada de pé, nos palanques em que ofereceu sua saúde em holocausto para tirar pacificamente o país de um regime de exceção.

No curso desses 38 dias em que lutou contra a morte, Tancredo conseguiu a façanha inédita de mexer no centro geográfico do País. O centro nervoso do poder transferiu-se do Planalto Central para um leito do Instituto do Coração em São Paulo. E mais: Tancredo Neves conseguiu dobrar até os recalcitrantes em torno dos seus ideais; converteu ao seu pontificado os que resistiam à transição pacífica, levada a termo por meio do instrumento durante 20 anos tenazmente alvejado pela oposição — o Colégio Eleitoral.

Com Tancredo vivo, governando normalmente o País, o PT, o PDT do Governador Leonel Brizola e outros segmentos radicais de esquerda estariam agora afiadíssimos para começar a esgrimir contra o seu plano de governo. Esses setores não queriam ir ao Colégio Eleitoral e muitos votaram em Tancredo, não por apoiar o político, mas para evitar a ascensão de Paulo Maluf, o mesmo Paulo Maluf que agora diz estar absorvido em orações pela alma do Presidente. Vivo e entregue à dura tarefa de governar esse País complicado, Tancredo já estaria, a essas alturas, imprensado na parede das divergências, com o PT e o PDT de um lado e segmentos radicais do seu próprio partido de outro, cobrando a definição de um perfil ideológico mais à esquerda para o seu Governo.

Isso sem contar o grupo liderado pelo Deputado Paulo Maluf, que iria cobrar com insistência soluções imediatas para os problemas econômicos acumulados durante os 21 anos do regime por ele defendido e apoiado. Pois bem, agora, parece que até o malufismo murchou. De olho ou não nas urnas de 1986, que previsivelmente prestigiarão os herdeiros de Tancredo, como prestigiarão os de Getúlio Vargas, em 1955, os malufistas apressaram-se em homenagear Tancredo Neves, reconhecendo toda a sua grandeza. E ninguém mais fala em grupo malufista.

O Ministro da Justiça, Fernando Lyra, teve oportunidade de dizer, por ocasião da primeira cirurgia de Tancredo, que, deitado numa cama de hospital, ele vinha governando o País tão bem como se estivesse de pé. O Presidente sabia disso, e não é à toa que, a caminho da terceira cirurgia, revelou à equipe do Dr. Valter Pinotti sua preocupação com a definição do reajuste do salário mínimo. Ele queria estar empossado até maio, a fim de decidir sobre o salário do trabalhador. Nesse desejo do Presidente, havia outra mensagem implícita: ele queria que os trabalhadores levassem em conta seu impedimento físico de governar, antes de agitarem o País, deflagrando greves.

A preocupação do Presidente enfermo com os trabalhadores surtiu um efeito mais grandioso. Pela palavra dos presidentes do PT, Luís Inácio da Silva, e da Central

Única dos Trabalhadores, Jair Meneghelli, os trabalhadores anunciam que não querem agitar o País politicamente. Eles não estão dispostos a estimular movimentos destinados a antecipar eleições diretas e atropelar o Governo de José Sarney. Os trabalhadores darão seu apoio a Sarney, dizem seus representantes. Querem manter o texto constitucional vigente até que a Assembléia Nacional Constituinte decida o que fazer com o destino deste País.

O próprio PDS, que, por instrução do seu líder na Câmara, Prisco Vianna, pretende partir para conseguir uma imediata emenda constitucional que extinga o Colégio Eleitoral e reduza o mandato de Sarney, anda tímido em sua proposta. O presidente da legenda, Senador Amaral Peixoto, desestimula esse projeto, considera-o indelicado no momento que o País atravessa e aconselha o apoio do partido ao projeto político que Sarney herdou de Tancredo Neves. Amaral Peixoto acha que a prioridade agora é o País.

Mas talvez a maior obra deixada por Tancredo em sua agonia seja o desarmamento do espírito golpista. As transformações que o País sofreu nesses 38 dias de sofrimento superam as que o regime militar passou 20 anos nos fazendo amargar. Em nenhuma cabeça, neste momento, passa uma solução para o País que não seja a legalidade. Não faz muito tempo, em circunstâncias parecidas, as soluções políticas encontradas eram bem mais complicadas. Quando, em 1969, o Presidente Costa e Silva foi vitimado por uma trombose, em vez do Vice-Presidente Pedro Aleixo, assumiu o governo uma Junta Militar, que logo ungiu o General Emílio Médici como sucessor, inaugurando também um regime mais duro para o País.

Foi esticando o momento de sua morte em 38 dias que o Presidente deu ao País uma maturidade jamais prevista. Se tivesse morrido no dia 14 de março, véspera de sua posse, o País hoje seria outro. Sintoma disso é que, nos primeiros dias após aquela cirurgia, o espírito do golpe circulou discretamente pelo Congresso Nacional. Setores radicais do PMDB começaram a lembrar que faltava ao então Vice-Presidente José Sarney a legitimidade necessária para governar o País. Sarney não disputara, nem recebera votos na eleição do Colégio Eleitoral, mas apenas Tancredo Neves. Ele fora eleito vice-presidente porque a Constituição considera nesse cargo quem está registrado na chapa do Presidente eleito. Era o espírito do golpe ganhando forma.

Foi quando Tancredo nos ofereceu um sensacional gesto político: ele não morreu, nem na segunda, nem na terceira cirurgia, como o País temia. Seu grande gesto político foi ter morrido muitos dias depois, dando tempo ao povo de absorver seus ideais e cobrar isso agora dos parlamentares que o representam. Se Tancredo tivesse morrido no início, as forças políticas estariam hoje se engalfinhando, em busca de soluções de emergência. Poucos estariam trabalhando para manter o cronograma por ele traçado.

Morrendo lentamente e lutando para sobreviver, o Presidente dividiu com todo o País a sua dor e deu tempo aos políticos para assegurar o fortalecimento do poder civil. A restauração definitiva da normalidade institucional foi a grande vitória de Tancredo em sua morte. O sonho por ele perseguido durante 40 anos de livrar este País de ventos golpistas foi realizado. E essa lição ele nos deu na hora de morrer.

TERESA CARDOSO

Repórter política do JORNAL DO BRASIL em Brasília